

ANGOLA

MARCHA PARA A INDEPENDÊNCIA

EDIÇÃO DO MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO
LUANDA — 1975

- Texto de los artículos de la Constitución Política
- de los Estados Unidos Mexicanos
- Decreto de la Comisión de Estudios de la Constitución Política
- Compendio de la Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos
- Compendio de la Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos

LUCIO LARA

- Texto do acordo entre o Governo Português e os Movimentos de Libertação
- Discurso do Presidente da República Portuguesa
- Discurso do Dr. Agostinho Neto em nome dos três Movimentos de Libertação

O Estado Português e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), reunidos em Alvor, no Algarve, de 10 a 15 de Janeiro de 1975, para discutir e firmar o acesso de Angola à Independência, acordam no seguinte:

CAPÍTULO I

Da Independência de Angola

Artigo 1.º—O Estado Português reconhece os Movimentos de Libertação, Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), como os únicos e legítimos representantes do povo angolano.

Artigo 2.º—O Estado Português reafirma solenemente o reconhecimento do direito do povo angolano à Independência.

Artigo 3.º—Angola constitui uma entidade una e indivisível nos seus limites geográficos e políticos actuais, e neste contexto, Cabinda é parte integrante e inalienável do território angolano.

Artigo 4.º—A Independência e soberania plena de Angola serão solenemente proclamadas em 11 de Novembro de 1975, em Angola, pelo Presidente da República Portuguesa ou por representante seu, expressamente designado.

Artigo 5.º—O poder passa a ser exercido até à proclamação da Independência pelo Alto-Comissário e por um Governo de Transição, o qual tomará posse em 31 de Janeiro de 1975.

Artigo 6.º—O Estado Português e os três Movimentos de Libertação formalizam pelo presente acordo um cessar fogo geral, já observado de facto pelas respectivas forças armadas em todo o território de Angola. A partir desta data será considerado ilícito qualquer acto de recurso à força, que não seja determinado pelas autoridades competentes, com vista a impedir a violência interna ou a agressão externa.

Artigo 7.º—Após o cessar-fogo, as forças armadas da FNLA, MPLA e da UNITA fixar-se-ão nas regiões e locais correspondentes à sua implantação actual até que se efectivem as disposições especiais, previstas no capítulo 4.º do presente acordo.

Artigo 8.º—O Estado Português obriga-se a transferir, progressivamente até ao termo do período transitório, para os órgãos de soberania angolana, todos os poderes que detém e exerce em Angola.

Artigo 9.º—Com a inclusão do presente acordo, consideram-se amnistiados para todos os efeitos, os actos patrióticos praticados no decurso da luta de libertação nacional de Angola, que fossem considerados puníveis na legislação vigente na data em que tiveram lugar.

Artigo 10.º—O Estado Independente de Angola exercerá a sua soberania total e livremente, quer no plano interno quer no plano internacional.

CAPÍTULO II

Do Alto Comissário

Artigo 11.º—O Presidente da República e o Governo Português são, durante o período transitório, representados em Angola pelo Alto-Comissário, a quem cumpre defender os interesses da República Portuguesa.

Artigo 12.º—O Alto-Comissário em Angola é nomeado e exonerado pelo Presidente da República Portuguesa, perante quem toma posse e responde politicamente.

Artigo 13.º—Compete ao Alto-Comissário:

- a) Representar o Presidente da República Portuguesa, assegurando e garantindo, de pleno acordo com o Governo de Transição, o cumprimento da lei;
- b) Salvaguardar e garantir a integridade do território angolano em estreita cooperação com o Governo de Transição;
- c) Assegurar o cumprimento do presente acordo e dos que venham a ser celebrados entre os Movimentos de Libertação e o Estado Português;
- d) Garantir e dinamizar o processo de descolonização de Angola;
- e) Ratificar todos os actos que interessem ou se refiram ao Estado Português;
- f) Assistir às sessões do Conselho de Ministros quando entender conveniente, podendo parti-

cipar nos respectivos trabalhos sem direito de voto;

- g) Assinar, promulgar e mandar publicar os decretos-leis e os decretos elaborados pelo Governo de Transição;
- h) Assegurar, em conjunto com o Colégio Presidencial, a direcção da Comissão Nacional, de Defesa;
- d) Dirigir a política externa de Angola, durante o período transitório, coadjuvado pelo Colégio Presidencial.

CAPÍTULO III

Do Governo de Transição

Artigo 14.º—O Governo de Transição é presidido e dirigido pelo Colégio Presidencial.

Artigo 15.º—O Colégio Presidencial é constituído por três membros, um de cada Movimento de Libertação, que tem por tarefa principal dirigir e coordenar o Governo de Transição.

Artigo 16.º—O Colégio Presidencial poderá, sempre que o desejem, consultar o Alto-Comissário sobre assuntos relacionados com a acção governativa.

Artigo 17.º—As deliberações do Governo Transitório são tomadas por maioria de dois terços, sob a presença rotativa dos membros do Colégio Presidencial.

Artigo 18.º—O Governo de Transição é constituído

pelos seguintes ministérios: Interior, Informação, Trabalho e Segurança Social, Economia, Planeamento e Finanças, Justiça, Transportes e Comunicações, Saúde e Assuntos Sociais, Obras Públicas, Habitação e Urbanismo, Educação e Cultura, Agricultura e Recursos Naturais.

Artigo 19.º—São desde já criadas as seguintes secretarias de Estado:

- a) Duas secretarias de Estado no Ministério do Interior;
- b) Duas secretarias de Estado no Ministério da Informação;
- c) Duas secretarias de Estado no Ministério do Trabalho e Segurança Social;
- d) Três secretarias de Estado no Ministério da Economia, designadas respectivamente por Secretaria do Comércio e Turismo, Secretaria da Indústria e Energia e Secretaria das Pescas.

Artigo 20.º—Os ministros do Governo de Transição são designados, em proporção igual, pela Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), pela União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) e pelo Presidente da República Portuguesa.

Artigo 21.º—Tendo em conta o carácter transitório do Governo, a distribuição dos Ministérios é feita pelo seguinte modo:

- a) Ao Presidente da República Portuguesa cabe designar os ministros da Economia, das Obras Públicas, Habitação e Urbanismo, e dos Transportes e Comunicações;
- b) À FNLA cabe designar os ministros do Interior, Saúde e Assuntos Sociais e da Agricultura;
- c) Ao MPLA cabe designar os ministros da Informação, do Planeamento, Finanças e da Justiça;
- d) À UNITA cabe designar os ministros do Trabalho e Segurança Social, da Educação e Cultura e dos Recursos Naturais.

Artigo 22.º—As Secretarias de Estado previstas no presente acordo, são distribuídas pela forma seguinte:

- a) À FNLA cabe designar um Secretário de Estado para a Informação, um Secretário de Estado para o Trabalho e Segurança Social e um Secretário de Estado de Comércio e Turismo;
- b) Ao MPLA cabe designar um Secretário de Estado para o Interior, um Secretário de Estado para o Trabalho e Segurança Social e um Secretário de Estado da Indústria e Energia;
- c) À UNITA cabe designar um Secretário de Estado para o Interior, um Secretário de Estado para a Informação e um Secretário de Estado das Pescas.

Artigo 23.º—O Governo de Transição poderá criar novos lugares de secretários e de subsecretários de Estado respeitando na sua distribuição a regra da heterogeneidade política.

Artigo 24.º—Compete ao Governo de Transição:

- a) Zelar e cooperar pela boa condução do processo de descolonização até à Independência Total;
- b) Superintender no conjunto da Administração Pública, assegurando o seu funcionamento e promovendo o acesso dos cidadãos angolanos a postos de responsabilidade;
- c) Conduzir a política interna;
- d) Preparar e assegurar a realização de eleições gerais para a Assembleia Constituinte de Angola;
- e) Exercer por decreto-lei a função legislativa e elaborar o decreto, regulamento e instruções para a boa execução das leis;
- f) Garantir em cooperação com o Alto-Comissário a segurança das pessoas e bens;
- g) Proceder à reorganização judiciária de Angola;
- h) Definir a política económica, financeira e monetária, criar as estruturas necessárias ao rápido desenvolvimento da Economia de Angola;
- i) Garantir e salvaguardar os direitos e as liberdades individuais e colectivas.

Artigo 25.º—O Colégio Presidencial e os Ministros são solidariamente responsáveis pelos actos do Governo.

Artigo 26.º—O Governo de Transição não poderá ser demitido por iniciativa do Alto-Comissário devendo qualquer alteração da sua constituição ser efectuada por acordo entre o Alto-Comissário e os Movimentos de Libertação.

Artigo 27.º—O Alto-Comissário e o Colégio Presidencial procurarão resolver em espírito de amizade e através de consultas recíprocas, todas as dificuldades resultantes da acção governativa.

CAPÍTULO IV

Da Comissão Nacional de Defesa

Artigo 28.º—É criada uma Comissão Nacional de Defesa com a seguinte composição: Alto-Comissário, Colégio Presidencial, Estado-Maior Unificado.

Artigo 29.º—A Comissão Nacional de Defesa deverá ser informada pelo Alto-Comissário sobre todos os assuntos relativos à Defesa Nacional, tanto no plano interno como no externo, com vista a:

- a) Definir e concretizar a política militar resultante do presente acordo;
- b) Assegurar e salvaguardar a integridade territorial de Angola;
- c) Garantir a paz, a segurança e a ordem pública;
- d) Zelar pela segurança das pessoas e dos bens.

Artigo 30.º—As decisões da Comissão Nacional de Defesa são tomadas por maioria simples, tendo o Alto-Comissário que preside, voto de qualidade.

Artigo 31.º—É criado o Estado-Maior Unificado que reunirá os comandantes dos três ramos das Forças Armadas Portuguesas em Angola e três comandantes dos Movimentos de Libertação. Este Estado-Maior Unificado fica colocado sob a autoridade directa do Alto-Comissário.

Artigo 32.º—As Forças Armadas dos três Movimentos de Libertação serão integradas em paridade com Forças Armadas Portuguesas nas forças militares mistas em contingentes assim distribuídos: 8000 combatentes da FNLA, 8000 combatentes do MPLA, 8000 combatentes da UNITA, 24 000 militares das Forças Armadas Portuguesas.

Artigo 33.º—Cabe à Comissão Nacional de Defesa proceder à integração progressiva das Forças Armadas nas Forças Militares Mistas referidas no artigo anterior devendo em princípio respeitar o calendário seguinte:

De Fevereiro a Maio, inclusivé, serão integrados por mês, quinhentos combatentes de cada um dos Movimentos de Libertação e 1500 militares portugueses; de Junho a Setembro, inclusivé, serão integrados por mês, 1500 combatentes de cada um dos Movimentos de Libertação e 4500 militares portugueses.

Artigo 34.º—Os efectivos das Forças Armadas Portuguesas que excederem o contingente referido no artigo 32.º, deverão ser evacuadas de Angola até 30 de

Abril de 1975.

Artigo 35.º—A evacuação do contingente das Forças Armadas Portuguesas integrado nas Forças Militares Mistas deverá iniciar-se a partir de 1 de Outubro de 1975 e ficar concluída até 29 de Fevereiro de 1976.

Artigo 36.º—A Comissão Nacional de Defesa deverá organizar forças mistas de Polícia encarregadas de manter a ordem pública.

Artigo 37.º—O Comando Unificado da Polícia, constituído por três membros—um de cada Movimento de Libertação—é dirigido colegialmente e presidido segundo um sistema rotativo, ficando sob a autoridade e a supervisão da Comissão Nacional de Defesa.

CAPÍTULO V

Dos refugiados e das pessoas reagrupadas

Artigo 38.º—Logo após a instalação do Governo de Transição, serão constituídas comissões paritárias mistas designadas pelo Alto-Comissário e pelo Governo de Transição, encarregadas de planificar e preparar as estruturas, os meios e os processos requeridos para acolher os angolanos refugiados. O Ministério da Saúde e Assuntos Sociais supervisionará e coordenará a acção destas comissões.

Artigo 39.º—As pessoas concentradas nas «sanzalas da paz» poderão regressar aos seus lares de origem. As comissões paritárias mistas deverão propor ao Alto-

-Comissário e ao Governo de Transição medidas sociais, económicas e outras para assegurar às populações deslocadas o regresso à vida normal e a reintegração nas diferentes actividades da vida económica do país.

CAPÍTULO VI

Das eleições gerais para a assembleia constituinte de Angola

Artigo 40.º—O Governo de Transição organizará eleições gerais para uma Assembleia Constituinte no prazo de nove meses a partir de 31 de Janeiro de 1975, data da sua instalação.

Artigo 41.º—As candidaturas à Assembleia Constituinte serão apresentadas exclusivamente pelos Movimentos de Libertação—FNLA, MPLA e UNITA—únicos representantes legítimos do povo angolano.

Artigo 42.º—Será estabelecida após a instalação do Governo de Transição, uma comissão central constituída em partes iguais por membros dos Movimentos de Libertação, que elaborará o projecto da Lei Fundamental e preparará as eleições para a Assembleia Constituinte.

Artigo 43.º—Aprovada pelo Governo de Transição e promulgada pelo Colégio Presidencial a Lei Fundamental, a Comissão Central deverá:

- a) Elaborar o projecto de Lei Eleitoral;
- b) Organizar os cadernos eleitorais;
- c) Registrar as listas dos candidatos à eleição da Assembleia Constituinte, apresentadas pelos Movimentos de Libertação.

Artigo 44.º—A Lei Fundamental que vigorará até à entrada em vigência da Constituição de Angola, não poderá contrariar os termos do presente acordo.

CAPÍTULO VII

Da Nacionalidade Angolana

Artigo 45.º—O Estado Português e os três Movimentos de Libertação—FNLA, MPLA e UNITA—comprometem-se a agir concertadamente para eliminar todas as sequelas do colonialismo. A este propósito, a FNLA, o MPLA e a UNITA, reafirmam a sua política de não discriminação, segundo a qual a qualidade de angolano se define pelo nascimento em Angola ou pelo domicílio, desde que os domiciliados em Angola se identifiquem com as aspirações da Nação Angolana, através de uma opção consciente.

Artigo 46.º—A FNLA, o MPLA e a UNITA assumem desde já o compromisso de considerarem angolanos todos os indivíduos nascidos em Angola, desde que não declarem, nos termos e prazos a definir, que desejam conservar a sua actual nacionalidade, ou optar por outra.

Artigo 47.º—Aos indivíduos não nascidos em Angola e radicados neste País é garantida a faculdade de requererem a cidadania angolana de acordo com as regras da nacionalidade angolana que forem estabelecidas na lei fundamental.

Artigo 48.º—Acordos especiais, a estudar ao nível de uma comissão paritária mista, regularão as modalidades da concessão da cidadania angolana aos cidadãos portugueses, domiciliados em Angola e o estatuto dos cidadãos portugueses residentes em Angola e dos cidadãos angolanos residentes em Portugal.

CAPÍTULO VIII

Dos assuntos de natureza económica e financeira

Artigo 49.º—O Estado Português obriga-se a regularizar com o Estado de Angola a situação decorrente, da existência de bens pertencentes a este Estado fora do território angolano, por forma a facilitar a transferência desses bens ou do correspondente valor para o território e a posse de Angola.

Artigo 50.º—A FNLA, o MPLA e a UNITA declaram-se dispostos a aceitar a responsabilidade decorrente dos compromissos financeiros recebidos pela parte portuguesa em nome e em relação a Angola, desde que tenha sido no efectivo interesse do povo angolano.

Artigo 51.º—Uma comissão especial paritária mista, constituída por peritos nomeados pelo Governo Provi-

sório da República Portuguesa e pelo Governo de Transição do Estado de Angola, relacionará os bens referidos no artigo 49.º e os créditos referidos no artigo 50.º procederá às avaliações que tiver por convenientes e proporá àquele Governo as soluções que tiver por justas.

Artigo 52.º—O Estado Português assume o compromisso de facilitar à Comissão referida no artigo anterior todas as informações e elementos de que dispuser e de que a mesma Comissão careça para formular juízos fundamentados e propor soluções equitativas dentro dos princípios da verdade, do respeito e legítimos direitos de cada parte e da mais leal cooperação.

Artigo 53.º—O Estado Português assistirá o Estado Angolano na criação e instalação de um banco central emissor. O Estado Português compromete-se a transferir para Angola as atribuições, o activo e o passivo do departamento de Angola do Banco de Angola, em condições a acordar no âmbito da Comissão mista para os assuntos financeiros. Esta comissão estudará igualmente todas as questões referentes ao Departamento de Portugal do mesmo banco, propondo as soluções justas na medida que se refiram e interessem a Angola.

Artigo 54.º—A FNLA, a UNITA e o MPLA comprometem-se a respeitar os bens e interesses legítimos dos portugueses domiciliados em Angola.

CAPÍTULO IX

Da cooperação entre Angola e Portugal

Artigo 55.º—O Governo português por um lado e os movimentos de libertação pelo outro, acordam estabelecer entre Portugal e Angola, laços de cooperação construtiva e duradoura, em todos os domínios, nomeadamente, nos domínios cultural, técnico, científico, económico, comercial, monetário, financeiro e militar, numa base de independência, igualdade, liberdade, respeito mútuo e reciprocidade de interesses.

CAPÍTULO X

Das comissões mistas

Artigo 56.º—Serão criadas comissões mistas de natureza técnica e composição paritária, nomeadas pelo Alto-Comissário, de acordo com o Colégio Presidencial, que terão por tarefa, estudar e propor soluções para os problemas decorrentes da descolonização e estabelecer as bases de uma cooperação activa, entre Portugal e Angola, nomeadamente, nos seguintes domínios:

- a) Cultural, Técnico e Científico;
- b) Económico e Comercial;
- c) Monetário e Financeiro;
- d) Militar;
- e) Da aquisição da nacionalidade angolana por cidadãos portugueses.

Artigo 57.º—As Comissões referidas no artigo anterior, conduzirão os trabalhos e negociações, num clima de cooperação construtiva e de leal ajustamento. As conclusões a que chegarem, deverão ser submetidas, no mais curto espaço de tempo, à consideração do Alto-Comissário e do Colégio Presidencial, com vista à elaboração de acordos entre Portugal e Angola.

CAPÍTULO XI

Das disposições gerais

Artigo 58.º—Quaisquer questões que surjam na interpretação e aplicação do presente Acordo, e que não possam ser solucionadas nos termos do artigo 27.º, serão resolvidas por via negociada entre o Governo Português e os Movimentos de Libertação.

Artigo 59.º—O Estado Português, a FNLA, o MPLA e a UNITA, fiéis ao ideário sócio-político, repetidamente afirmado pelos seus dirigentes, reafirmam o seu respeito pelos princípios consagrados pela Carta das Nações Unidas, na Declaração Universal dos Direitos do Homem, bem como o seu activo repúdio de todas as formas de discriminação racial, nomeadamente o «apartheid».

Artigo 60.º—O presente Acordo entrará em vigor imediatamente após a homologação pelo Presidente da República Portuguesa.

As Delegações do Governo Português, da FNLA,

do MPLA e da UNITA realçam o clima de perfeita cooperação e cordialidade em que decorreram as negociações e felicitam-se pela conclusão do presente Acordo, que dá satisfação às justas aspirações do povo angolano e enche de orgulho o povo português, a partir de agora ligado por laços de profunda amizade e propósitos de cooperação construtiva, para bem de Angola, de Portugal, da África e do Mundo.

(Assinado em Alvor, Algarve, aos quinze dias do mês de Janeiro de mil novecentos e setenta e cinco, em quatro exemplares de língua portuguesa).

Em

Discurso do Presidente da República Portuguesa

«Senhores presidentes:

As vossas assinaturas selaram com Portugal um acordo de transcendental importância nos destinos dos povos de Angola.

Ficou aqui encerrado um capítulo que forças retrógradas prolongaram injustamente.

Trabalhámos nesta reunião cimeira com uma geração de atraso, nas correntes da História.

Compete-nos agora ser generosos quanto ao passado, diligentes quanto ao presente e esclarecidos quanto ao futuro.

Senhores presidentes

Meus Senhores

Dos mais humildes aos mais importantes que directa ou indirectamente colaboraram nos trabalhos desta reunião cimeira, todos devemos beneficiar do sentimento empolgante de ter cooperado numa obra com sentido de grandeza.

Sobre a crueza das realidades, em dias de intenso labor, a nossa tolerância e espírito criador deram forma jurídica a uma obra política que a história julgará.

No corrente mês entrará no poder um Governo de Transição; das eleições surgirá uma Assembleia Constituinte que elegerá o primeiro presidente da República de Angola, representante legal e legítimo da vontade superior dos povos de um novo país.

Em 11 de Novembro de 1975, o Estado Português transmitirá a essa autoridade incontestável, todos os soberanos poderes de uma Angola totalmente independente.

Esquemáticamente bem poderemos dizer que neste acordo começamos o virar de uma folha da História de Angola que encerra um capítulo onde o sangue e as lágrimas de dois povos deixaram um traço amargo de fraterno sofrimento.

Em 11 de Novembro de 1975 começa um capítulo totalmente novo para ser escrito com génio à luz da esperança, da liberdade e da independência.

Senhores presidentes

A vossa determinação na luta armada legitimou a representatividade dos vossos Movimentos.

Como representantes dos povos de Angola vos recebemos na mais africana das províncias de Portugal, com a alegre expectativa de irmãos que dão fim a uma querela que, recém-terminada, já querem perdoar a esquecer.

A partir de hoje, vós e os vossos Movimentos estão colocados perante um desafio duplo.

É a esperança de todos os angolanos a exigir que, homens e partidos, apesar das diferenças sociais, filosóficas ou políticas, saibam encontrar soluções angolanas autênticas, baseadas na capacidade de diálogo, no espírito de cooperação e na boa-vontade de servir o vosso país, que V. Ex.^{as} acabam de demonstrar.

É o sentimento dos homens bons dos quatro cantos da Terra, e a observação especializada dos sociólogos mais atentos que se debruçam na experiência social angolana como uma derradeira esperança de ver criar no século XX uma grande comunidade onde o espírito vença definitivamente os convencionalismos raciais, um dos dramas da sociedade internacional contemporânea.

Temos sólidas razões para crer que ireis triunfar dos dois desafios, criando condições sociais e políticas para o desenvolvimento acelerado do vosso portentoso país.

Do lado português, este acordo é um passo fundamental no desenvolvimento do processo descolonizador programado generosamente pelos homens do MFA nas noites clandestinas que precederam a revolução iniciada em 25 de Abril.

Apesar dos escolhos e dificuldades que têm surgido neste processo complexo e difícil, creio que o Governo português e os seus interlocutores têm demonstrado uma maturidade política, uma flexibili-

dade de espírito e uma imaginação notáveis.

Para cada território tem-se obtido uma solução realística que melhor se adapta aos interesses dos respectivos povos, com a coragem de abandonar teorias idealistas, com os seus modelos estereotipados e esterilizantes.

Desejo aqui deixar vincada a minha estima por todos quantos, com ou sem referências públicas, souberam abnegadamente contribuir para o sucesso.

Senhores presidentes

O povo angolano, todos os homens bons que em Angola desejam viver e trabalhar em clima de Justiça social, penosamente saturados por uma guerra sem grandeza, sentem na alma o bálsamo da esperança. O seu desejo de paz e tranquilidade é tão forte que, estou certo, todos darão o melhor do seu esforço e colaboração para que seus sofrimentos e esperanças não sejam vãos na história da grande pátria que vai nascer.

Vós, angolanos, governantes e governados, sereis capazes de dirigir e aplicar as potencialidades do território ao ritmo trepidante de quem tem a construir um dos mais florescentes países do continente africano.

Repousará nas vossas mãos, homens de Angola, tudo quanto o destino vos reservou para criardes uma pátria materialmente grande e rica, espiritualmente fraterna e justa».

O Dr. Agostinho Neto fala em nome dos três movimentos FNLA, MPLA e UNITA

Senhor Presidente da República Portuguesa.
Senhores Ministros do Governo Provisório Português.
Amigos.

Camaradas:

De 11 a 15 de Janeiro de 1975 as nossas delegações, respectivamente do Governo Provisório Português e dos representantes legítimos do povo angolano, reuniram-se no Algarve, para tomar decisões sobre o fim do sistema colonial.

A presença de Sua Excelência o Senhor Presidente da República Portuguesa ao acto final da assinatura do acordo, ficará registada na História de Portugal e de Angola como um eloquente anúncio de progresso político para os povos de ambos os países.

Seja-me permitido, pois, em nome da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e da União Nacional para a Independência Total de